A tríade naturalizante na concepção educacional de Pestalozzi e Froebel: homem, Deus e natureza[1]

Alessandra Arce

Resumo

O presente artigo é fruto de nossa tese de doutoramento que versou a respeito do estudo das idéias de Johann H. Pestalozzi (1746- 1827) e de Friedrich Froebel (1782-1852). Neste trabalho nosso objetivo é o de apresentar e analisar as idéias que estes autores possuíam sobre o Homem, a Natureza e Deus. Esta tríade constitui-se na pedra fundamental de suas teorias educacionais. Para tanto o estudo realizado centra-se sobre duas obras fundamentais de ambos "A Educação do Homem – Aforismos" de Pestalozzi e "A Educação do Homem" de Froebel. A conclusão a que chegamos aponta para o processo de naturalização e mistificação dos três integrantes desta tríade, o que lhe atribuiria um caráter a-histórico e reacionário.

Palavras chave : Pestalozzi – Froebel- escolanovismo.

Abstract

This article belongs to our doctorate thesis studies, which one analyzed Johann H. Pestalozzi (1746- 1827) and Friedrich Froebel (1782-1852) educational thoughts. The aim of this article is to present and analyze the ideas of Froebel and Pestalozzi about Man, God and Nature. This triune substantiated author's educational theory. Therefore this study focuses on two fundamental books written by each authors: "The Education of Man – Aphorisms" from Pestalozzi and "The Education of Man" from Froebel. The conclusion of this work shows us a completely naturalization and mystification of the triune integrants, which make it not historical and conservative for this century.

Key words: Pestalozzi – Froebel- progressive education.

[1] Este texto é fruto de nossa tese de doutorado defendida em agosto de 2001 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP/FCL-Araraquara. Intitulando-se "A Pedagogia na 'Era das Revoluções'- uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel."

Introdução

Johann Heinrich Pestalozzi nasceu em 12 de janeiro de 1746, falecendo em fevereiro de 1827, grande educador suíço é autor de importantíssimas obras educacionais como o romance "Leonardo e Gertrudes"(1781-1787), "Como Gertrudes Ensina a seus filhos" (1801), entre outros. A escola fundada em Yverdon (1804) tornou-se famosa por sua metodologia de trabalho inovadora. Seguidor e ao mesmo tempo crítico do legado pestalozziano, Friedrich August Froebel nasceu em 21 de abril de 1782, na região sudeste da Alemanha, falecendo em 1852. Froebel pode ser considerado o pedagogo dos Jardins de Infância, instituição destinada a educar crianças menores de 06 anos fundada em 1840 na cidade de Blankenburg. Entre suas obras mais famosas destacamos a "Educação do Homem"(1826) e o "Livro de Músicas da Mãe" (1844). Ambos, professavam a religião protestante com fervor, o que deixou marcas profundas em suas idéias educacionais. Assim como ambos viveram e produziram em um dos períodos mais revolucionários[2] da história da humanidade. Encontramos nas obras de Pestalozzi e Froebel explícitos os germens dos ideais que mais tarde viriam a nortear o movimento escolanovista. Podemos resumir estas sementes escolanovistas nos seguintes princípios educacionais encontrados nas obras de ambos:

- A criança e seu desenvolvimento passam a ser o centro do processo educacional, a espontaneidade infantil deve ser preservada a todo custo através do simples guiar pelo educador das forças espirituais imanentes da criança;
- A atividade como ponto central de toda a metodologia de trabalho, atividade esta, que deve sempre centrar-se nos interesses e necessidades da criança respeitando seu ritmo natural de desenvolvimento. A educação escolar deve ser, portanto, ativa. Não por acaso os métodos escolanovistas foram chamados de métodos ativos. Juntamente com isto vemos a apologia das atividades

[2] Parte de suas vidas transcorreu, portanto, durante o período histórico caracterizado por Eric Hobsbawm (1996) com "A Era das Revoluções" (1789-1848). Esta época da história européia foi marcada por guerras e revoluções tais como: a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, as Guerras Napoleônicas e, finalmente, encerrando o período, as Revoluções de 1848. A Era das Revoluções foi também a Era das Contra-Revoluções. A burguesia precisava ser revolucionária ao lutar contra o feudalismo, mas precisava ser contra-revolucionária, conservadora, ao lutar contra o proletariado e os camponeses. Esse período da história ocidental foi, portanto, marcado por profundas contradições, por uma complexa correlação de forças de luta, por uma grande heterogeneidade quanto aos avanços e aos retrocessos nos campos econômico, político e sócio-cultural.

manuais e práticas imprescindíveis tanto para o desenvolvimento intelectual quanto para o desenvolvimento moral;

- A substituição do uso da disciplina exterior pelo cultivo da disciplina interior tão cara à moral protestante;
- Um mínimo de matéria escolar em troca do máximo de possibilidades de desenvolvimento das habilidades e capacidades de cada criança com a ajuda do trabalho, amor e alegria. Neste ponto nossos autores não deixam de defender o lema aprender a aprender em sua forma embrionária.

Consideramos de suma importância o estudo da obra destes autores. Acreditamos poderem elas trazer luzes novas sobre conceitos e princípios usados hoje indiscriminadamente como "novos". Com o objetivo de iniciar no meio acadêmico, em especial a área de História da Educação, um debate profícuo das obras de Pestalozzi e Froebel é que apresentamos este artigo. A discussão que procuramos travar neste trabalho, reside na análise crítica dos pilares educacionais de nossos autores, ou sejam os conceitos de Homem, Deus e Natureza. Esta tríade cunhada por nós de naturalizante, no título deste artigo, constitui-se na pedra fundamental de todo o pensamento educacional por eles formulado, ai reside a importância em estuda-la e debate-la. Entendendo-a damos vida aos princípios apresentados resumidamente acima, isto é, conseguimos compreende-los em toda a sua complexidade e profundidade. Para tanto trabalharemos com duas obras destes autores: "A Educação do Homem – Aforismos" de Pestalozzi e a "Educação do Homem" de Froebel.

Afinal O que são o Homem, Deus e a Natureza para Pestalozzi e Froebel?

A resposta que Pestalozzi e Froebel dão à pergunta "o que é o homem?" está diretamente relacionada à crença de que o homem foi criado por alguém, isto é, por Deus, o qual também criou a Natureza. Sendo a Natureza também obra do Criador, a compreensão do que é o homem passa pela compreensão das relações que o homem trava ou deveria travar com a Natureza, a começar pelas relações com a Natureza que está no homem, isto é, com a Natureza Humana. Não nos esqueçamos que a religião protestante norteará toda essa reflexão pois, como já foi dito, esses dois educadores professavam essa religião com grande fervor. Veremos então um movimento contrário do que encontramos nos Enciclopedistas do Iluminismo, que procuravam definir o homem a partir da sua

materialidade[3], racionalidade, capacidade de criação e transformação da Natureza, liberto dos desígnios divinos e de forças estranhas a regularem sua vida. Nossos autores, ao contrário, têm na divindade a medida do homem, que atrelado às demais obras de Deus, como a Natureza, deverá seguir leis predeterminadas e eternas na sua busca pela perfeição e no reconhecimento de sua filiação divina.

Uma das obras de Pestalozzi foi intitulada "A Educação do Homem-Aforismos"[4] e, como o título já indica, trata-se não de um texto monográfico, mas sim uma reunião de aforismos do autor sobre o homem, a humanidade e a educação. No primeiro capítulo, intitulado "A Raça Humana e a Humanidade", Pestalozzi afirma que a salvação para o ser humano reside no reconhecimento de que o homem nasce com as qualidades mais puras (o homem é bom) e estas precisam ser cultivadas dentro da sociedade na qual ele estará inserido. A sociedade vem

[3]Durante todo o período feudal a ciência e a filosofia estiveram unidas à teologia, "a fé religiosa sustentava o feudalismo, que sustentava e alimentava a fé" (Politzer, 1978:81). O obscurantismo, as crendices e o misticismo dominavam a vida dos homens que era totalmente regida por forças ocultas, as quais estes deveriam curvar-se para evitar repreśalias e descontentamentos que viessem a gerar desgraças em suas vidas. Segundo Politzer (1978) da mesma forma que a religião havia construído sua hierarquia tendo como alicerce o modelo feudal, eternizando-o, a atividade cientifica também se encontrava no mesmo prisma fundada na única verdade eterna revelada por Deus à sua igreja. Ninguém ousava desafiar as autoridades eclesiásticas, e o conhecimento permanecia trancafiado nos porões das igrejas sendo revelado aos poucos e barrado de evoluir quando colocado em contraposição aos sagrados dogmas da igreja. O movimento da Reforma e o da Contra-Reforma ajudaram também a alterar este quadro, mas sem dúvida nenhuma o materialismo que nascia com o movimento Iluminista no século XVIII (que fundamentaria a Revolução Francesa e a Industrial) seria aquele que de forma mais decisiva colocaria em xeque todo a corrente de pensamento que marcou a Idade Média e o Feudalismo. A burguesia enquanto buscava ascender ao poder também era materialista, pois a religião encarcerava o homem aos desígnios divinos e suas posições sociais eram obra da vontade de Deus. Era necessário à burguesia negar essa concepção de mundo para derrubar o regime feudal. A crença no homem como produtor de sua própria vida era a maior bandeira a ser levantada contra a eterna , divina e vitalícia ordem feudal. Politzer (1978) afirma que a filosofia das luzes encampou um grande combate decisivo e definitivo contra a ideologia medieval que contou com a literatura como grande aliada, abrindo no campo político o espaço tão ansiado para a burguesia: "Refutando a teologia e a metafísica, a filosofia das luzes destruía a 'auréola da consagração divina' com que a igreja havia circundado as Instituições feudais. Estas apareciam em sua nudez profana como efeitos da ignorância e da barbárie."(Politzer 1978: 88-89)

Bacon, Descartes , Locke, Voltaire, Helvetius , Rousseau e Diderot, são alguns dos filósofos que lutavam por uma sociedade e por um Estado guiados pela razão, explicavam o mundo pela matéria em desenvolvimento, defendiam que os conhecimentos provinham do mundo real, pelo caminho da sensação, proclamavam o valor integral da ciência, eram humanistas pois desejavam o pleno desenvolvimento e a felicidade do ser humano. O romance foi um recurso utilizado por vários destes autores para a divulgação dos ideais do novo homem e a ridicularização dos hábitos e idéias pertencentes ao antigo regime. Um exemplo nesse sentido é o livro de Voltaire "Cândido ou Otimismo", no qual o autor demonstra ser ridícula a crença de que o mundo e a sociedade dos séculos XVII e XVIII são os melhores dentro do possível. Diderot, segundo Politzer, o faz também da mesma forma em "Jacques Le Fataliste", onde unindo o gênio literário ao científico, produz uma sátira do fatalismo presente no personagem Jacques que diz a "seja lá do que for que aconteça, que isso estava escrito no céu" (Politzer 1978: 90).

[4] Infelizmente até o momento não conseguimos obter informações mais precisas sobre a data na qual teriam sido escritos esses aforismos, sobre data na qual eles teriam sido publicados pela primeira vez e se a reunião dos mesmos teria sido realizada pelo próprio Pestalozzi ou se por outra pessoa.

corrompendo-o, impedindo-o de seguir o coração, afastando-o do que é bom e puro, desviando-o de sua Natureza.

> Os bons instintos da humanidade, em seu estado puro, são mais do que presentes ou chances. Suas qualidades fundamentais depositam-se profundamente na Natureza do homem. Em tudo os homens sentem a necessidade de desenvolverem este poder. E o caminho através do qual a Natureza os revela, deve ser mantido claro e com acesso fácil. Para atingir a sabedoria e a tranqüilidade, o processo de educação do homem deve ser mantido simples e com uma metodologia universal.
> Em todos os níveis, o servo é igual a seu mestre em seu caráter essencial, e o mestre deve assegurar a este a oportunidade de satisfazer as necessidades provindas desta sua Natureza essencial. (Pestalozzi 1969:05)

A bondade inata dos seres humanos os une, tornando-os não diferenciáveis, não existindo inferiores ou superiores, todos são iguais, todos possuem o mesmo potencial e somente o amor pode trazer à tona este bons instintos da humanidade. Pestalozzi acredita que o homem através do amor pode ser treinado para ser tornar cada vez mais humano. "O amor é a única e eterna base sobre a qual nossa natureza pode ser educada para a humanidade" (Pestalozzi 1969:04). Quando o homem deixa-se possuir pelo mal podemos ter certeza que o fez porque o caminho para o bem lhe foi negado. Todavia, se lhe dermos uma segunda chance, seu coração florescerá no bem novamente, por isso Pestalozzi insiste tanto que seguir o coração é o mais importante para o homem.

> Verdade, um homem pode por um tempo de sua existência viver sem fé, amor, razão, atividade, mas sua capacidade para a fé, amor, razão e atividade nunca irão todas juntas morrerem sem ele. Quando alguém faz o apelo certo para o que de bom há no coração humano, certamente verá este coração se abrir.
> Nosso coração deve viver, trabalhar e tolerar. Isto é o que importa mais.
> O coração empresta cores para tudo o que o homem vê, ouve e sabe.
> Tudo o que eu poderia ser, eu o sou pela virtude do meu coração.
> Nossa terra é o céu se nós buscamos paz, fazemos o certo e pedimos muito pouco. (Pestalozzi 1969:10)

Dentro deste espírito Pestalozzi prossegue sua exposição apresentando no capítulo seguinte intitulado "O Indivíduo", cuja idéia central é a de que a grande vitória que o homem pode ter é a vitória sobre

ele mesmo. Sua força interior é a sua maior fortuna, auxiliando-o a descobrir-se e superar-se, a ver-se como uma parte de Deus. Vemos a exortação das máximas do protestantismo que centram o conflito do homem no interior do próprio indivíduo, numa batalha deste consigo próprio, o que deve ser transformado é seu interior, para que o exterior o siga.[5] Somente quando o homem volta-se para seu interior respeitando o que exista de bom em si mesmo é que ele será capaz de respeitar o outro , "o auto-respeito é o verdadeiro meio para a união da espécie humana" (Pestalozzi 1969:14). Neste ponto reside a moral para Pestalozzi, no respeito à nossa Natureza, no conhecimento na prática e no desejo de Deus, este leva a desejar o certo, a deixar-se guiar pelo coração que vale mais do que o simples cultivo do intelecto. Fazer aos outros o que desejamos que seja feito conosco porque está correto e não para adular e agradar ao outro, nesta máxima reside a felicidade humana e somente Deus e o amor podem nos levar a essa prática, tão necessária ao desenvolvimento de nossa humanidade.

> Um homem não deve somente saber o que é verdade, ele deve ser capaz de fazer e desejar sempre o certo.
> O cultivo do intelecto não irá enobrecer o homem, se não for fundado no cultivo do coração.
> A grande lição verdadeira da felicidade na vida é esta, o homem deve fazer o correto para sua própria satisfação, não para agradar aos outros.
> Um bom homem vê todo incidente em sua vida como uma mensagem de Deus para que ele se aperfeiçoe.
> Um homem pode infinitamente mais se está verdadeiramente disposto.
> *Eu sou feito das forças físicas, sociais e morais. A primeira advém de minha Natureza animal; a segunda de minha associação com meus iguais; mas a terceira vem somente de meu interior quando empenhado na virtude.* (Pestalozzi 1969:15)

O homem é um ser que deve lutar sempre contra a arrogância e o egoísmo que brotam de sua convivência social, paciência, sacrifício e capacidade de adaptação são virtudes que devem ser cultuadas, pois só assim o homem poderá perceber que as dificuldades que advém de sua vida são provas divinas para o seu aperfeiçoamento enquanto ser humano. Os desejos devem ser controlados, pois eles muitas vezes exigem do homem

[5] É interessante aqui observar que atualmente boa parte da retórica de cunho psicológico que é difundida em nossa sociedade pauta-se em princípio bastante similar a esse, ou seja, afirma-se que o indivíduo não deve pretender mudar o mundo, mas aceitá-lo tal como ele é, devendo, isto sim, verificar o que precisaria ser mudado em seu interior, em sua maneira de encarar a realidade.

coisas das quais seu corpo não necessita para viver, os únicos desejos que devem ser alimentados são os de amor, solidariedade e humildade. "Um homem que acumula bens sem intenção de se auto-prover é como um cachorro que agarra ossos que não irá comer." (Pestalozzi, 1969:17)

> Feliz o homem que consegue ajustar seus desejos ao que êle é, conseguindo renunciar aos desejos egoístas sem sacrifício de seu conforto e da paz de sua mente.
> Para ser feliz, um homem deve não somente estar bem provido. Ele deve também pensar que foi bem provido.
> Desde a minha infância eu fiquei impressionado com o caráter sacrossanto da humildade a serviço do crescimento interior. Mas agora, eu tenho aprendido que se alguém deseja ser acariciado com milagres, este deve ser humilde, mesmo quando já estiver de cabelos grisalhos. (Pestalozzi, 1969:19-20)

Este homem pronto para aceitar seu destino e trabalhar com amor segundo os planos divinos, com certeza é guiado pela verdade. Verdade esta, segundo Pestalozzi, amada por Deus: "Quem não tem coração para a verdade, cedo ou tarde terá sua cabeça levada pelo demônio" (Pestalozzi 1969:68). A verdade e o amor são os maiores remédios deixados por Deus para o homem doente que perdeu o caminho de sua Natureza, o homem deve sempre buscá-los e ansiá-los para sua vida:

> Se você busca a verdade, não a persiga, mas espere, com paciência, amor e tranqüilidade. Se você fizer isto, ela virá até você sozinha.
> A verdade descansa na pedra como sua fundação. A mentira, entretanto, sempre posiciona-se por detrás de um monte de razões, como se estivesse escondida atrás de um monte de pedregulhos.
> A luz da verdade e a chama do amor iluminam a escuridão, revelando o seu trabalho que ilumina o dia.
> Modéstia é colega da sabedoria, e irmã da inocência.
> Todo conhecimento humano descansa nas forças de um bom coração e persegue a verdade. (Pestalozzi 1969:70)

Verdade, amor, paciência, modéstia são predicados que devem seguir o homem, mas o maior de todos deve ser a gratidão. O homem vive em um mundo abençoado com uma Natureza perfeita, a Natureza de Deus. Entretanto, a Natureza Divina presente em todo ser humano é a maior de todas as criações de Deus. Toda a vida do homem na terra é desenvolvida tendo em vista a eternidade, de acordo com os desejos do Criador. Por isso o homem pode ser considerado imortal, imortal em sua divindade, devendo

por ela ser sempre grato vivendo de acordo com a lei divina praticando e assimilando os quatro predicados que acima destacamos. Para Pestalozzi é impossível se perguntar quem é o homem sem antes se perguntar pelo Criador e a ele dirigir graças.

> Deus está no homem, para o homem e pelo homem. O homem conhece Deus somente quando ele conhece a humanidade, ou seja, a si mesmo. Ele reverencia a Deus como se respeitasse a si mesmo, ele aplica o que há de mais puro e bom a si e a seus colegas. Então, um homem deve auxiliar o outro a encontrar-se através da religião, não por palavras e figuras, mas sim por seus atos. É pura vaidade dizer a um homem pobre "Existe um Deus", e dizer ao órfão "Você tem um Pai no céu", para nenhum homem deve-se ensinar a conhecer Deus por palavras e figuras isoladas. Mas se você ajudar um homem pobre a viver novamente como um ser humano, você terá lhe mostrado Deus. E se você criar o pequeno órfão levando-o a reconhecer em você um pai, o ensinará a conhecer o Pai do Céu, que levou seu coração a não brincar de pai com o órfão.
>
> Amor, confiança, gratidão e obediência, devem ser desenvolvidos em mim antes de eu aplicá-los a Deus. Eu devo amar a humanidade, eu devo confiar nos homens, eu devo ser grato aos homens, eu devo obedecer aos homens, antes de levar meu ser a amar Deus, confiar Nele, agradecê-lo e obedecê-lo.
>
> (...) Deus está sempre perto de onde as pessoas demonstram amor umas pelas outras. Sem amor, o homem está sem Deus, e sem ambos o que é o homem?
>
> (...) Deus é o pai da humanidade; suas crianças são imortais. O amor é o laço que mantém o globo unido. (Pestalozzi 1969:87,92 e 93)

Para Pestalozzi o homem é acima de tudo uma criança de Deus, imortal, pura, boa em sua essência, em sua Natureza divina, que deve ser descoberta e cultivada para atingir a plenitude e o homem tornar-se capaz de exercitar a paciência, a modéstia e a humildade. Para isso nada mais profundo e necessário do que o amor. O amor deve guiar o homem, o amor deve uni-lo ao seu semelhante e a Deus.

Froebel, em livro também intitulado "A Educação do Homem"[6], partilha de visão semelhante a de Pestalozzi: Deus é o princípio de tudo e a vida do homem deve buscar harmonizar-se com sua divindade e com todas as outras criações divinas. O divino presente em cada coisa que existe sobre a terra revela sua essência, o homem deve procurar esta essência e cultivá-

[6] Utilizamos neste texto a versão em inglês desta obra porque não tivemos a chance de trabalhar detalhadamente com a tradução da mesma feita por Maria H. C. Bastos.

la no seu interior para que possa exteriorizá-la em suas criações. Jesus é para Froebel um exemplo da luta espiritual que devemos travar em busca de nossa perfeição e da nossa união com Deus e a Natureza.

> Em todas as coisas vive e está uma lei eterna. Esta lei tem sido e está anunciada com clareza e distinção na Natureza (o externo), no espírito (o interno), e na vida que une as duas, para todo aquele cuja mente, através da disposição e da fé, está completamente compenetrada na e impulsionada pela necessidade de que isso não possa ser de outra maneira, assim como para aquele, cuja clara e calma visão mental vê o interior no exterior e através do exterior e vê o procedimento exterior como uma necessidade lógica da essência interior. Toda essa lei regente é necessariamente baseada numa unidade eterna consciente, viva, energética e persuasiva. Este fato tanto quanto a própria unidade é de novo reconhecido vivamente através da fé ou do entendimento, com clareza e compreensão iguais; por isso uma mente humana silenciosa e observadora, um intelecto humano claro e cheio de pensamentos, nunca falharam e nunca falharão em reconhecer essa unidade. Essa unidade é Deus. Todas as coisas vieram da divina unidade de Deus e têm suas origens na divina unidade em Deus somente. Deus é a fonte única de todas as coisas. Em todas as coisas, vive e reina a unidade divina, Deus. Todas as coisas vivem e são através da unidade divina e através de Deus. Todas as coisas são o que são somente através da influência divina que vive nelas. A influência divina que vive em cada coisa é a essência de cada uma delas. A educação consiste em conduzir o homem como um ser pensante e inteligente a crescer em autoconsciência para a pura, consciente e livre representação da lei interna da divina unidade, ensinando-lhe caminhos e meios para isso. (Froebel 1887:1-2)

Esta lei eterna e divina, à qual Froebel se refere, guia o desenvolvimento de todos os seres na terra. Apesar das particularidades que envolvem o desenvolvimento dos objetos da Natureza nós podemos, através do acompanhamento destes, perceber como se dá o desenvolvimento humano.

> Se procuramos a razão interna para esse elevado significado simbólico dos diferentes fenômenos individuais da Natureza, particularmente nas fases do desenvolvimento dos objetos naturais em relação ao estágio de desenvolvimento humano, nós a encontramos no fato de que Natureza e o homem tem suas origens em um mesmo ser eterno, e que seus desenvolvimentos

> acontecem de acordo com as mesmas leis, somente em estágios diferentes.
> Assim a observação da Natureza, e a observação do homem em comparação e em conexão com os fatos e fenômenos do desenvolvimento geral da humanidade, são mutuamente explicativos, e mutuamente levam ao conhecimento profundo uns dos outros. (Froebel 1887:160-161).

Por isso encontraremos em toda a obra do autor sempre a comparação do desenvolvimento da criança com o das sementes; a criança para Froebel é como uma semente a ser cultivada e, conseqüentemente, o educador alemão procurará a harmonização do homem com a Natureza desde a mais tenra idade. Lembramos que Pestalozzi também se utilizara deste tipo de recurso. Froebel e Pestalozzi faziam parte do movimento Romântico[7], razão pela qual a ênfase na tentativa de harmonização do ser humano com a Natureza é tão forte nestes autores. Eles buscavam o princípio a partir do qual todos os homens seriam considerados iguais. Para Froebel este princípio encontrava-se na relação entre infância e Natureza; somente conhecendo as relações entre ambos e a relação destes com a fonte divina de tudo e todos, isto é, Deus, é que poderíamos presentear cada indivíduo com o auto-conhecimento e a aceitação de seu lugar em nossa sociedade, conseqüentemente teríamos uma sociedade melhor. Para Pestalozzi este principio encontrava-se na bondade com a qual todos os homens nascem, como frutos do divino são portadores da divindade que deve ser cultivada, como expusemos acima. Portanto, para auxiliar a compreensão destas relações em Froebel que trarão componentes diferentes, apresentaremos de forma sintética a visão que ele tinha da Natureza:

1. A Natureza é um símbolo do espírito divino, é uma exteriorização desse espírito. Conhecer o simbolismo da Natureza é conhecer o

[7] O movimento Romântico que quase se confunde com o Iluminismo, trouxe mais elementos para esta luta. Segundo Hobsbawm (1996) o romantismo surgiu como tendência militante e consciente na Grã-Bretanha, França e Alemanha no final da década da Revolução Francesa. Embora possamos dizer que ele teria sido precedido por um movimento "pré-romântico" caracterizado pelas idéias de Jean Jacques Rousseau, provavelmente o período das revoluções de 1830-1848 assistiu à sua força maior enquanto movimento. Hobsbawm (1996) afirma ainda que não podemos precisar com certeza os propósitos do movimento romântico, mas podemos classificá-lo como extremista tanto em seu conteúdo quanto em seu credo, não podendo entretanto ser chamado de um movimento anti-burguês, pois os ideais revolucionários burgueses encantavam aos integrantes do Romantismo a ponto de Napoleão ser considerado um de seus heróis. Abbagnano (1995) afirma que o Romantismo, apesar de ser um filho do Iluminismo, procurou acentuar a presença dos sentimentos sobre a razão, os sentimentos triunfavam onde a razão fracassava, captando a essência, o absoluto. Os românticos, segundo o autor, confiavam mais nos grandes espíritos que encarnavam o momento histórico ou no espírito que move o mundo do que no homem e em suas instituições, buscando uma espécie de individualismo onde nada prenderia o homem, a não ser seus impulsos mais íntimos e profundos o guiariam, processo esse que seria auxiliado pela busca de retorno à natureza. Mas nem todos os autores considerados românticos pendiam para esta abstração e naturalização do ser humano que beirava um certo irracionalismo. Muitos deles, atormentados com as contradições do mundo capitalista, as denunciavam buscando retomar os ideais Iluministas.

espírito divino. Sendo o homem também uma criação divina, a criança contém dentro de si os germens de tudo o que de melhor existe na Natureza humana e que une o homem à Natureza e a Deus, seu criador. Tal como a Natureza é exteriorização do espírito divino, para que a criança desenvolva o que de melhor existe no ser humano, ela precisa exteriorizar seu interior, o que pode ser feito pela mediação do simbolismo (os brinquedos criados por Froebel desempenhariam esse papel na primeira infância). Concomitantemente ao processo de exteriorização de si mesma, a criança deve aprender a conhecer a Natureza, deve viver em harmonia com ela pois, dessa forma, a criança estará naturalmente harmonizando-se com o espírito divino. Essa concepção de Froebel levou a que ele fosse chamado, na literatura, de panteísta, pois sua religiosidade praticamente dispensava a institucionalização da religião, já que a relação homem-Deus alcançava sua forma mais perfeita na relação homem-Natureza;

2. A Natureza é objetiva por ser algo real e permanente, mas constitui-se em uma escada que liga a humanidade ao eterno. Esta ligação precisa ser trabalhada de forma concreta, simbolizada, tornar-se tangível assim como a Natureza o é, a educação deve buscar esta materialização;
3. A Natureza possui uma unidade que é Deus, todo o ser vivo possui dentro de si a consciência desta unidade e a necessidade de torná-la cada vez maior. Aqui reside a diferença entre o mestre que percebe e aceita esta unidade procurando alcançá-la em sua educação e o professor que se perde em fragmentos isolados e acidentais;
4. A Natureza e o homem possuem uma relação de união, o espírito da Natureza e a alma do homem são uma só coisa que cresce e se nutre em Deus. Não dá para perguntar o que é o homem sem perguntar o que é a Natureza;
5. A Natureza desenvolve suas próprias leis cuja essência é espiritual e teológica. Essas leis devem ser seguidas pela educação. Observando-se o desenvolvimento lógico da Natureza e suas leis tem-se uma base para o currículo escolar. Os "dons" e ocupações, que foram desenvolvidos mais tarde por Froebel partem deste princípio;
6. A Natureza é um símbolo e os símbolos fazem parte da vida do ser humano, a criança a todo momento recorre à simbologia para expressar, exteriorizar, seu interior. O professor deve ver nisto um poderoso instrumento educativo e pedagógico.

Esta relação entre Deus, Natureza e Humanidade era representada por Froebel (1887) através de um triângulo, esta tríade era inseparável e formava o que Froebel denominava "Unidade Vital", na qual a educação deveria estar alicerçada para poder conduzir o indivíduo ao desenvolvimento pleno. Dentro do princípio da "Unidade Vital" os processos de interiorização e exteriorização eram fundamentais pois levavam à clarificação da consciência ao auto-conhecimento, ou seja, à educação. A formação e o desenvolvimento ocorrem graças ao que o homem recebe do mundo exterior, mas só se efetivam quando se sabe, por assim dizer, tocar no seu mundo interior do ser humano. Este processo chamado de interiorização consiste no recebimento de conhecimentos do mundo exterior, que passam para o interior, seguindo sempre uma seqüência que deve caminhar do mais simples ao composto, do concreto para o abstrato, do conhecido para o desconhecido. A atividade e a reflexão são os instrumentos de mediação deste processo não diretivo, o que garante que os conhecimentos brotem, sejam descobertos pela criança da forma mais natural possível. O processo contrário a este é chamado de exteriorização, no qual a criança exterioriza o seu interior e, para tanto, ela necessita trabalhar em coisas concretas como a arte e o jogo, excelentes fontes de exteriorização. Uma vez exteriorizado seu interior, a criança passa a ter auto-consciência do seu ser, passa a conhecer-se melhor: é assim que a educação acontece.

Para Froebel assim como para Pestalozzi o homem só chega à compreensão destas máximas agindo, modificando o seu interior e o seu exterior como reflexo desta mudança íntima, por isso ambos os autores insistirão que desde a mais tenra idade o homem deve ser treinado para o trabalho externo, para a atividade produtiva e criadora, pois através desta ele poderá exercitar-se no seu caráter humano externo e divino espiritual interno. O trabalho representa a exteriorização do divino no homem, ao realizá-lo o homem imita a Deus no ato de criação do mundo. Quando o homem é levado a ter consciência desta imitação nada do que ele produz para a sua sobrevivência torna-se mais importante do que o trabalho que ele deve realizar de purificação de seu interior, o reino dos céus torna-se alvo do trabalho árduo e a providência divina é compreendida em sua plenitude. As necessidades terrenas passam a ser de ordem superior e reconhece-se que Deus fornece todas as ferramentas, juntamente com a Natureza para a satisfação orgânica, que não deve ser o fim da vida humana. Portanto, a harmonia entre o trabalho e o cultivo interior através da religião é fundamental para que o homem não se perca nas mesquinharias terrenas, a criança deve ser preparada para ambos desde cedo, para desenvolvê-los de forma harmônica. Assim, chegaríamos à temperança e ao equilíbrio.

O jovem ser humano em crescimento deve ser por isso treinado cedo para o trabalho, para a criativa e produtiva atividade. (...) A atividade dos sentidos e membros das crianças é o primeiro germe, a primeira atividade corporal, o broto, o primeiro impulso formativo: jogar, construir, modelar são os primeiros carinhosos desabrochar da juventude; e este é um período no qual o homem deve ser preparado para a futura laboriosidade, direção e atividade produtiva. Toda criança, menino e jovem seja qual for a sua condição ou posição na vida, deve devotar diariamente uma ou duas horas para algumas atividades sérias de produção de algum trabalho externo. (...) Assim como para a religião, cultivar desde cedo é muito importante também para a laboriosidade. Trabalhar guiado de acordo com o significado interior, confirma e eleva a religião. Religião sem laboriosidade, sem trabalho, está suscetível a se perder no vazio, nos sonhos. Similarmente o trabalho ou a laboriosidade sem a religião, degrada o homem transformando-o em uma besta, uma máquina. Trabalho e religião devem ser simultâneos; para Deus o eterno, que vem criado por toda a eternidade. Reconhecendo esta verdade e dela enchendo-se, os homens agem e trabalham em conformidade com a vida, o que toda a humanidade pode rapidamente perceber! Onde há religião, laboriosidade e temperança, esta verdadeira e indivisível tríade, lá é o céu na terra, existe alegria, salvação, graça, benção." (Froebel 1887: 34-36)

O espírito de Deus pairou sobre o caos, e o moveu; e pedras e plantas, bestas e homem tomaram forma e separaram ser e vida. Deus criou o homem à sua própria imagem; por isso o homem deveria criar e reproduzir a fé como Deus. Seu espírito, o espírito do homem, deveria pairar sobre a deformidade, e movê-la para que ela possa tomar formas, um ser distinto e uma vida própria, este é o significado elevado, o significado profundo, a grande razão do trabalho e da laboriosidade, da atividade produtiva e criativa.

A ilusão desvalorizada de que o homem trabalha, produz e cria somente para preservar seu corpo, para lhe assegurar comida, vestuário, e abrigo, pode ser suportada, mas não deveria ser difundida e propagada. Primariamente e na verdade o homem trabalha somente para que sua essência espiritual divina possa assumir forma externa, e que assim ele possa ser capaz de reconhecer sua própria Natureza divina espiritual, e o ser íntimo de Deus. Qualquer que seja a comida, vestimenta, ou abrigo que ela obtenha aí, vem a ele como um excedente insignificante.Por isso Jesus diz "Procure você, primeiro o reino dos céus", a realização do espírito divino na sua vida e através de sua vida, e

> o que quer que seja que a sua vida finita possa precisar a mais, será adicionado a você. (Froebel 1887: 31-32)

Froebel e Pestalozzi buscam de formas diferentes a exteriorização do divino que se encontra no interior de cada ser humano. Ao estabelecerem que a igualdade dos homens reside na sua essência divina, ambos retiram a historicidade do ser humano, tornando-o um ser abstrato, ao não reconhecerem o processo histórico através do qual o homem vinha transformando a Natureza e a si mesmo por intermédio de sua atividade social. Os autores em sua concepção de homem apresentam a Natureza Humana como algo de certa forma predeterminado, universal e eterno. A sociedade em que o ser humano está inserido também aparece como algo imutável e eterno. Nessa visão de mundo, a vida do individuo em sociedade é vista como algo espontâneo e natural, o individuo não necessita apropriar-se de forma consciente e coletiva das riquezas materiais e intelectuais produzidas pelo gênero humano, pela humanidade; os homens não precisam lutar por uma sociedade mais justa, mais humana, não precisam transformar a forma pela qual a sociedade está organizada econômica, política e culturalmente. Basta cada indivíduo deixar-se guiar pelo amor que traz dentro si, por sua espiritualidade e ele já estará vivendo em plenitude sua vida.

Conclusão

Froebel e Pestalozzi ao atrelarem à pergunta "o que é o homem?" a indagação a respeito de quem o criou e porque, pois o homem não existe sem Deus que é seu criador, acabam por destruir qualquer possibilidade do homem controlar seu próprio destino, de criar e recriar a sociedade na qual deseja viver, operam assim uma redução violenta das potencialidades humanas que passam a se restringir ao cumprimento dos desígnios divinos. Podemos aplicar a nossos autores a mesma crítica que Marx (1993) elaborou contra Feuerbach na sexta tese a respeito da dissolução da essência religiosa na essência humana, o que leva à abstração, generalização e naturalização da mesma, alienando-a.

> Feuerbach dissolve a essência religiosa na essência humana. Mas a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade, é o conjunto das relações sociais. Feuerbach, que não empreende a crítica dessa essência real, é por isso forçado:

1. a abstrair o curso da história e a fixar o sentimento religioso como algo para-si, e a pressupor um indivíduo humano, abstrato, isolado.
2. por isso a essência só pode ser apreendida como "gênero", como generalidade interna, muda, que liga de modo natural os múltiplos indivíduos. (Marx 1993:13)

Vemos expressa aqui uma das maiores contradições da ideologia burguesa da época de nossos autores: se por um lado a burguesia difunde a idéia do homem como criador, do homem empreendedor, a imagem de Robison Crusoe criando seu mundo na ilha selvagem; por outro lado esta mesma ideologia contém, contraditoriamente, a eternização das relações capitalistas, da sociedade burguesa, o que é fortalecido pelos processos de naturalização do social[8]. Froebel e Pestalozzi trazem esta contradição, pois ao mesmo tempo em que ambos estão voltados à divulgação de que todos os homens são iguais, possuem a mesma essência humana, cristalizam e naturalizam a mesma entregando-a ao divino, idealizando-a como algo comum a todos e que deve ser desenvolvida ou revelada, culpando em última instância o individuo pela não realização ou corrupção da mesma, o que leva a justificação do porquê alguns são bem sucedidos na vida e outros não. Suchodolski (1976b), analisa através do trabalho de Marx que este tipo de atitude leva o homem a perder-se enquanto ser humano, pois, a sua realidade passa não fazer mais parte deste mundo no qual ele está inserido, torna-se algo mágico e ao mesmo tempo mecânico e empobrecedor ao não reconhecer a capacidade de criação do próprio homem.

> Na opinião de Marx, a essência humana não pode ser entendida como uma essência cujo conteúdo está externamente fixado e cuja vida real seja exclusivamente um secular esforço de realização desta essência. Mas também não pode ser considerada como uma essência criada exclusivamente pelas forças da Natureza, como sucede com os animais. Se se quer penetrar na essência do homem há que ter em conta fundamentalmente a sua atividade que transforma o ambiente e atualiza o processo fundamental da autoprodução do homem pelo trabalho criador. No entanto, todas as teorias que reduzem o homem a uma realidade extra-humana religiosa, espiritual ou material concebem-no como um produto mecânico da atuação de forças alheias. (Suchodolski 1976b:133)

Não pretendemos aqui discordar da existência da dependência do homem para com a Natureza, mas ressaltar que as relações entre homem e

[8] Sobre a naturalização do social operada pela ideologia burguesa vide DUARTE (2000), capítulo 3.

Natureza são determinadas pelo trabalho, através do qual o ser humano se apropria da Natureza e se objetiva nela[9]. "Toda história é um processo de transformação de todo o mundo humano, em cujos limites o homem transforma a Natureza e se transforma a si próprio" (Suchodolski 1976b:134). A concepção de Froebel e Pestalozzi leva à naturalização de processos que são históricos e fruto de construções sociais. Essa ilusão embutida na concepção naturalizante de homem acaba levando-o em última instância a uma concepção falsa de si mesmo. O homem pensado desta forma não teria tido a capacidade de se desenvolver, apenas teria imprimido em seu ser a realidade que o circunda sempre eterna e imutável, levando por fim a mesma vida que os animais levariam por sucessivos séculos.

Diante deste alicerce naturalizante poderíamos nos perguntar como ficam as idéias educacionais de Pestalozzi e Froebel. Aparentemente os princípios educacionais expostos no começo deste artigo indicariam um avanço, entretanto, estes têm como sua base os conceitos apresentados a respeito do Homem, Deus e Natureza. Este fato nos leva a considerar o discurso educacional de ambos como um avanço e um retrocesso, da seguinte maneira: avanço porque se abre a possibilidade de busca de um conhecimento que não esteja preso às revelações, à verdade absoluta, aos livros ditados pelos que receberão a revelação divina; retrocede-se porque ao invés de serem utilizados os conhecimentos científicos que estavam sendo produzidos, calcando-se o ensino na razão e na ciência[10], opera-se um esvaziamento completo deste, cria-se uma espécie de ojeriza a toda forma de cultura mais elevada, agora não é mais Deus que revela o conhecimento a seus escolhidos (a hierarquia eclesiástica) mas sim cada indivíduo que deve procurar em seu interior e no seu exterior o que realmente lhe é útil e viável conhecer. Não podemos nos esquecer que o papel divinizante e eterno permanece, bem como o forte discurso moralizante, sendo que não basta o indivíduo repetir orações memorizadas ou penitenciar-se nas igrejas, mas deve viver a santidade em seu dia a dia, deve obedecer aos desígnios divinos que não vêm mais de fora, mas estão implantados na essência de sua individualidade, deve se constituir em exemplo de virtude assim como o fez Jesus Cristo, filho de Deus.

Como filhos de uma época entremeada de contradições suas obras não poderiam deixar de refleti-las, esperamos que este trabalho contribua

[9] Sobre a dialética entre objetivação e apropriação vide DUARTE (1999) e (2000).

[10] Pestalozzi e Froebel consideravam-se práticos na área pedagógica, encontramos em suas obras várias passagens nas quais ambos discursam contra o conhecimento acadêmico e filosófico. Educar na prática e pela prática, ou seja, o "aprender fazendo" aliado ao "aprender a aprender" eram seus pilares educacionais. Infelizmente neste artigo não temos espaço suficiente para detalhar esta questão. Para maiores detalhes ver Arce (2001).

para que estes autores sejam revisitados e explorados em toda a riqueza que suas obras trazem.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. & VISALBERGHI, A.(1995) – **Historia de la Pedagogia**.- 15ª edição- México, Fondo de Cultura Econômica.

ARCE, A (2001) - **A Pedagogia na 'Era das Revoluções' – uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel** - Araraquara/SP, tese de doutoramento, UNESP/FCL.

DUARTE, N.(1999) – **A Individualidade Para-Si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. Campinas: Autores Associados.

DUARTE, N.(2000) – **Vigotski e o "Aprender a Aprender": crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana**. Campinas: Autores Associados.

FROEBEL, F.(1887) – **The Education of Man** – New York: D. Appleton and company.

FROEBEL, F.(2001) – **A Educação do Homem** (Tradução Maria Helena C. Bastos)- Passo Fundo/RS: UPF.

HOBSBAWM, E.(1996) – **A Era das Revoluções 1789-1848** – 10º ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MARX, K. & ENGELS, F.(1993) – **A Ideologia Alemã** – 9º edição – São Paulo: Hucitec.

PESTALOZZI, J.(1969) - **The Education of Man – Aphorisms** – Connecticut-USA/ Greenwood Press.

POLITZER, G.(1978) – **A Filosofia e os Mitos** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SUCHODOLSKI, B.(1976b) – **Teoria Marxista da Educação** – Lisboa: Editorial Estampa, volume II.

Alessandra Arce é bolsista recém-doutora do CNPq junto ao Departamento de Filosofia e História da Ed. da UNICAMP/FE e ao Grupo HISTEDBR. Doutora em Educação pela UNESP/Araraquara. Áreas de Pesquisa: História das Idéias Pedagógicas e História da Educação de Crianças Menores de 6 anos.
Endereço: Av. 15 de novembro 850/126 – Cep 14801-030.
E-mail: Learce@uol.com.br